



## A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Maiby Gisele Wagner\*

Edneuzza Alves Trugillo\*\*

### RESUMO

A presente pesquisa aborda o tema Relação Professor-Aluno, analisando as diferentes situações e comportamentos destes, frente às diversas problemáticas existentes no contexto escolar. Neste sentido, contextualizando a realidade dos alunos e dos professores de uma turma de terceiro ano de uma Escola Pública do Município de Sinop - MT, trazendo como abordagens teóricas fundamentadas em Henry Wallon, Vygotsky, Mirian Goldenberg, Valéria Amorim Arantes, Nelson Piletti, Maximiliano Menegolla, Pedro Morales, Paulo Freire, Ana Rita Silva Almeida. Foram observados a relação destes sujeitos, com a afetividade, as metodologias, as práticas docentes, a expressividade, a dedicação do profissional, o comportamento dos alunos e as avaliações e opiniões destes e de sua professora. Como escolha metodológica optamos pela pesquisa qualitativa, o estudo de caso. Para obtenção dos dados foram desenvolvidas entrevistas semi-estruturadas e observações *in loco*. Durante as observações constatou-se que a relação harmoniosa entre os sujeitos (professores-alunos) é fundamental para a melhor aprendizagem.

**Palavras-chave:** Educação. Relação de professores e alunos. Afetividade. Aprendizagem.

### 1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento deste trabalho monográfico tem como objetivo demonstrar a importância da relação entre professor e aluno no contexto de sala de aula, na busca pela construção do conhecimento, questionando-se os seguintes pontos: como é a relação entre professores e alunos? Quais são os pontos que merecem a atenção nessa relação? Como os

---

\* Acadêmica do 7º semestre do Curso de Pedagogia, *Campus* Universitário de Sinop, UNEMAT. Pertence ao grupo de orientação da professora Ma. Edneuzza Alves Trugillo.

\*\* Professora formada na Universidade do Estado de Mato Grosso em Pedagogia (2000). Mestrado em Ciências Ambientais na UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso de Cáceres (2009). Concursada em Metodologia de Ensino na UNEMAT - *Campus* Universitário de Sinop.

alunos reagem a partir da prática deste professor e vice-versa? Como se dá a afetividade nessa relação, em sala de aula? Há conflitos nessa relação? E como eles são resolvidos?

Durante a pesquisa foram observados aspectos como: interação entre educador e aprendizes, nível de aprendizagem, metodologias desenvolvidas pela professora, comportamento de alunos, momentos relevantes para pesquisa, em que houve necessidade de analisarmos o que dizem os autores e outros.

No primeiro momento, falamos sobre a metodologia da pesquisa, depois fazemos uma breve contextualização sobre a relação de professores e alunos com os autores que falam do tema e também com assuntos que norteiam essa questão existente em escolas, em salas de aula, pelo contexto escolar afora. Logo após, no capítulo seguinte apresentamos os resultados da pesquisa, enfatizando as observações e as entrevistas com sujeitos e correlacionado as falas com os teóricos estudados.

Para entender melhor essa relação é indispensável que o educador estude e pesquise as teorias que discutem o tema, que são elementos indispensáveis para prática pedagógica. Nessas abordagens vemos a necessidade de que o educador observe seus alunos com maior atenção, para entendê-los e fazer uma auto-avaliação de suas condutas como educador, para que não se repitam os erros e que não se façam julgamentos precipitados.

## **2 CAMINHOS DA PESQUISA**

A realização deste trabalho se deu através da pesquisa qualitativa, com a utilização de estudo de caso para compreender a relação existente entre professora e alunos no ambiente escolar, enfatizando a análise dos acontecimentos mais importantes na tentativa de compreender de que forma a relação existente contribui e influencia no processo de construção de conhecimento, com os alunos do 3º ano escolar do ensino fundamental, em uma escola pública municipal de Sinop.

Nesse sentido, Goldenberg (2003, p. 33), afirma que:

O estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um todo, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos. O estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa com o objetivo de aprender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto.

Neste caso, o estudo de caso se insere, pois há o interesse de se conhecer uma instância em particular, e as complexidades da relação do professor com o aluno. O estudo de caso valoriza a vida humana, também analisa a importância que as pessoas dão as ações, compreensão dos atos, no meio onde vivem.

Os instrumentos da coleta de dados utilizados na pesquisa foi através da entrevista semi-estruturada com 8 questões com a professora regente do 3º ano do ensino fundamental, abordando tópicos como: a escolha da profissão; o tempo de atuação na área; definição do relacionamento com seus alunos, como se dá este processo; quais as metodologias utilizadas em sala de aula pela professora para se ter um bom relacionamento e que ela acha do fator afetividade em sala. E outra entrevista semi-estruturada com 6 questões com alguns dos alunos selecionados pela pesquisadora. Os relatos foram coletados e gravados por meio de interações verbais entre sujeito e pesquisador.

Na coleta de dados também houve a observação em sala de aula. A mesma ocorreu três vezes por semana, por quatro horas diárias, no período matutino, nesta turma do 3º ano do ensino fundamental. Durante a pesquisa em campo, observei a prática pedagógica da professora, sua rotina, sua relação com seus alunos e dos alunos com ela, as atividades propostas entre outros; compreendido no período de Maio, no ano letivo de 2010. Nesse período foram acompanhadas aulas expositivas desenvolvidas dentro de sala de aula. Durante a pesquisa foram registrados no Caderno de Campo<sup>1</sup> fatos que foram importantes para pesquisa e para posterior transcrição dos dados.

### **3 OS OLHARES SOBRE A RELAÇÃO DE PROFESSORES E ALUNOS**

A pesquisa analisará num ambiente educacional, a relação professor-aluno, que é um dos pontos chave dos conflitos escolares, onde questionamos as possibilidades do educador em alcançar seus objetivos da prática pedagógica.

Desta forma, Morales (1999, p. 10) fala da importância de discutirmos como deve proceder esta relação no ambiente escolar.

O modo como se dá nossa relação com os alunos pode e deve incidir positivamente tanto no aprendizado deles, e não só da matéria que damos, como em nossa própria satisfação pessoal e profissional, porque nossa relação com os alunos deve ser considerada uma relação profissional. Precisamente por se tratar de uma tarefa

---

<sup>1</sup> Caderno de campo é uma ferramenta utilizada pelo acadêmico para fazer anotação e colher dados durante a observação e regência em sala de aula, bem como seus relatos durante o curso de graduação, que ao final da pesquisa se transforma em um documento.

profissional, não podemos deixar de lado um aspecto que diz respeito diretamente à eficácia do que fazemos.

A conscientização destacada de acordo com o autor deveria partir de todo profissional da educação que tenha uma relação com os alunos. Tratar desse assunto abrange o processo de ensino-aprendizagem, desde apenas investigar o comportamento até a prática pedagógica em sala de aula. O objetivo profissional de que o autor fala é de que enquanto professores nossa tarefa é ajudar os alunos em seu aprendizado e a qualidade desta relação pode ser determinante para o aluno ter êxito no processo de construção do conhecimento.

Piletti (2004, p. 78) fala da visão que a sociedade tem, de uma maneira geral, da educação, da relação de educadores e seus aprendizes, dizendo:

Muitas pessoas ainda entendem o processo de ensino-aprendizagem de forma estática. Isto é, de um lado existe o professor que ensina, transmite informações, de outro lado existe o aluno, que deve escutar esforçar-se para aprender e, na medida do possível, permanecer obediente e passivo.

Isso se vê e se ouve muito ainda, professores sem visão do que pode ser uma melhor relação e aprendizagem com seus alunos, e ainda, porque as relações da sociedade sempre se deram desta forma, de forma estática. A própria família, que de geração em geração, passou as regras de quem sempre manda (os pais) e de quem sempre deve obedecer (filhos); na cultura de um país, onde o governo manda e os cidadãos devem obedecer; as crianças sempre enfrentando uma série de ‘não’, não pode falar isto, não pode falar aquilo, não pode ver este programa, não pode sair neste lugar etc. E uma escola que tenha um sistema de relação estática, de quem só manda, e quem só obedece está somente reproduzindo um conhecimento, não está deixando espaço para as crianças ter uma autonomia, não estão deixando espaços para novas descobertas e conseqüentemente novos conhecimentos, tanto por parte de aprendizes como de educadores.

O cotidiano na educação constitui uma realidade de cooperação e conflitos que dependem da forma de interagir das pessoas. Dantas (1992, p. 85), conceitua a teoria walloniana, que define a qualidade das interações entre os sujeitos “como frutos de uma reação influenciada pela disposição emocional do outro, que provoca assim o despertar de intensos conflitos, se determina como sendo um fator decisivo na dinâmica das relações interpessoais”. Também para Almeida (1999, p. 107) “[...] mesmo na escola, as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas”. As relações harmoniosas promovem a integração social, que é tão importante no processo de aprendizagem e de comunicação. Nos primeiros anos escolares, a

troca de afetos é indispensável, pois a criança se sentirá mais segura, mais confiante em si mesma, quando lhe é dada a devida atenção e valor.

#### 4 ANÁLISE DOS DADOS

Para começo de análise dos dados levantados, levo em pauta algumas questões que nos é necessário defini-las, como por exemplo, a afetividade, que é o palco de muitas discussões presentes neste contexto da relação entre professores e alunos. Neste aspecto venho conceituar a afetividade, segundo os conceitos fundamentais de Wallon (1979 apud Almeida, 2009, p. 17):

Refere-se à capacidade, a disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis. A teoria apresenta três momentos marcantes, sucessivos, na evolução da afetividade, emoção, sentimento e paixão. Os três resultam de fatores orgânicos e sociais e correspondem a configurações diferentes e resultantes de sua integração; nas emoções, há o predomínio da ativação fisiológica, no sentimento, da ativação representacional; na paixão, da ativação do autocontrole.

A afetividade permeia nos estudos e pesquisas realizados sobre este assunto, pois ela pode ou não encontrar-se no ambiente escolar, isto depende da prática pedagógica de cada professor. A presente pesquisa nos mostra a existência desta afetividade na relação entre os sujeitos, mas há momentos em que esta prática é deixada de lado pela professora, que muitas vezes interrompe sua metodologia, mostrando que nem sempre é possível se ter uma relação de afetuosidade com seus alunos, muitas vezes, devido aos problemas emocionais e pessoais ou de caráter didático mesmo, quando o professor não tem um domínio de conteúdo e se estressa com os problemas que acabam surgindo em sala de aula.

Desta forma podemos dizer que, o professor pode apresentar diversas maneiras de relacionar-se com seus alunos. Um de uma forma mais fria, mais distante, outro pode ser mal-humorado, outro também despreparado para ter uma relação de convivência com alunos, ou mesmo apresentar um mau-humor, mas ter um domínio de conteúdo, ou também ser um professor amoroso, afetuoso e não ter domínio nenhum. São as mais diversas situações que podemos encontrar em sala de aula. Neste contexto, Freire (1996, p. 73) vem ressaltar essas diversas formas de o professor apresentar-se diante de seus alunos e de sua relação com estes,

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca.

Diante disso, Freire quer nos dizer que de alguma forma, o professor pode fazer com que seu aluno tenha uma boa impressão e uma boa relação deste e com este e que futuramente este aluno lembrará seus ensinamentos e os colocará em prática. Do contrário se a impressão não for boa e a relação menos ainda, talvez as lembranças possam ser ainda mais profundas e causar sérios problemas na vida tanto escolar como profissional destes alunos que tiveram esta situação em sala de aula.

A sala de aula em que foi realizada a pesquisa, no período matutino, as aulas começavam com a professora em sala de aula esperando seus alunos. Ela tem o costume de cumprimentar todos e convidá-los para a oração, que é o momento de pedir proteção a Deus, e logo após uma música para descontrair. Isto é uma rotina diária realizada no início da aula por esta professora. Então, podemos perceber que a cultura aqui também é um fator marcante na relação e na aprendizagem destes sujeitos. Pois assim como nos diz Vygotsky, mas citado por Arantes (2003, p. 23):

O ser humano aprende, por meio do legado de sua cultura e da interação com outros humanos, a agir, a pensar, a falar e também a sentir (não somente como humano, mas por exemplo como ocidental, como um homem moderno, que vive numa sociedade industrializada, tecnológica e escolarizada, como um latino, como um brasileiro, como um paulista, como um aluno) Nesse sentido o longo aprendizado sobre emoções e afetos se inicia nas primeiras horas de vida de uma criança e se prolonga por toda a sua existência.

Isto quer dizer, que cada cultura aprende de uma forma a pensar, a agir, a sentir, mas que todas elas aprendem por meio das relações; o brasileiro tem uma forma de agir, e o oriental tem outra, mas uma coisa pode se afirmar, todos aprendem com as experiências, como fazê-las e como senti-las.

No início da semana a professora costuma também pedir aos alunos como foi o final de semana deles. Se alguém tem algo relevante eles discutem sobre o ocorrido, fazendo perguntas, analisando e fazendo reflexões sobre o assunto, para descontração e socialização dos alunos, que segundo a professora, ajuda no melhor aprendizado quando seus alunos se sentem a vontade, como se a escola fosse também um ambiente familiar, um ambiente aconchegante, não só de deveres, mas também momentos de falarem o que pensam; ela diz na entrevista:

**(01) Professora C:** A conversa, eles gostam de conversar. Comentar sobre uma mensagem reflexiva. Canto também muito, eles adoram. Na hora da historinha, também canto e comento.

No diálogo surge à interação, o momento de estreitamento entre professor e aluno, relembrando as teorias da afetividade de Wallon (1992, p. 90):

O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira. [...] Isto significa que a afetividade depende, para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência, e vice-versa.

O ser humano vivencia experiências desde que se têm notícias das primeiras civilizações, e se estas experiências, contatos, relacionamentos, forem positivos, com certeza isso influirá em seu processo cognitivo. O processo de comunicação então, acontece e com isso as relações vão se estreitando, desenvolvendo assim o afetivo, e após o lado cognitivo, pois com suas experiências o ser humano vai adquirindo saberes. E é a partir do diálogo entre professores e alunos, que vão ambos se descobrindo e se relacionando de forma harmoniosa, pois cada um sabe das necessidades do outro, e o professor vai descobrindo também a realidade de seu aluno, pois se faz necessário o melhor conhecimento desta realidade para que a prática educativa tenha resultados positivos. Segundo Menegolla (1989, p. 43) “A partir da realidade pensada, conhecida, percebida, sentida e vivida é que podemos pensar em ensinar”. Mostra-nos, portanto que, os alunos querem um bom professor, que seja amigo, mas sem desmerecer a qualidade de aula que é o mais importante neste contexto entre a relação de professores e alunos. Pois a aprendizagem deve ser posta em primeiro plano.

Quando indagado se gosta de vir pra escola, o aluno L, fala:

**(02) Aluno L:** Gosto. Porque eu aprendo bastante. Gosto de fazer contas, de aprender mais coisas que eu não sei. O que eu mais gosto é de aprender fazer texto.

Mostra-nos também que os alunos têm consciência da importância de estudar, alguns mostram o interesse e entendem perfeitamente o seu papel no ambiente escolar. A outra aluna J, diz:

**(03) Aluna J:** Sim. Porque eu aprendo coisas boas, a gente se desenvolve mais vindo pra escola.

Também sabe da importância de estudar e como isso tem contribuído para o seu desenvolvimento cognitivo.

Ainda podemos evidenciar que, o papel do educador é bem mais amplo. Vale nos questionarmos, que diante da sociedade atual, em que a ética e a moral andam esquecidas, sem atenção, como então educarmos nossos alunos nesse modelo de sociedade? Muitas vezes, o professor passa a ser, além de um educador, um responsável, com papel de pai e mãe, onde muitas vezes tem que ensinar desde hábitos de higiene até valores.

## 5 CONCLUSÃO

Esta relação, aluno e professor, docentes e discentes ou ainda educadores e aprendizes, tem uma importância extrema no ambiente escolar e na aprendizagem; principalmente o diálogo entre eles, através da comunicação o professor passa a conhecer melhor os alunos e vice-versa. Ambos passam a interagir da melhor forma e cria-se um ambiente agradável e propício aos estudos e assim a aprendizagem mútua; digo mútua porque é esse o enfoque, professor aprende também a cada dia com seus alunos.

É preciso que o professor faça os alunos falarem, se comunicarem, se expressarem, para crescerem pessoas comunicativas, argumentativas; pois para mudarmos essa concepção de que aluno aprende apenas com silêncio, com rigidez, quando se vê uma sala que está um barulho, já se acha que tudo está uma bagunça. É claro que a desordem em demasiada é falta de organização; mas se propormos um projeto, por exemplo, para nossos alunos discutirem e pesquisarem sobre algum tema que eles acharem pertinente, esta é uma forma de aula na verdade, com 'barulho', mas de forma organizada, pois eles estarão discutindo e aprendendo a pesquisar.

O professor que não dá oportunidade aos alunos falarem, é o mesmo que aceitar uma imposição política, administrativa ou até mesmo da escola, sem este (o professor) achar pertinente; porque nem tudo que o aluno ouvir, vai achar que é bom, e ambos podem entrar num consenso, professores e alunos precisam se entender. Os educadores devem a partir do que os alunos trazem ajudá-los e orientá-los. O diálogo é fundamental na sala de aula, tanto professor-aluno como aluno-aluno.

Devemos fazer com que os alunos se soltem, não fiquem tímidos; oferecer atividades que eles se comuniquem, como por exemplo, o teatro, trabalhos em grupo ajudará na estimulação de oralidade e comunicação. Se o professor for um bom comunicador, isto já fará com que haja maior estimulação, que é fundamental no desenvolvimento deles.

Podemos dizer também, que, a disciplina em sala de aula está diretamente ligada à prática docente, ao estilo de autoridade que o professor tem em suas aulas. E os professores



que melhor conseguem este tipo de conduta, são aqueles que dominam o conteúdo que ensinam; que não tem receio de dizer que não conhecem a resposta, mas que irão pesquisar e depois a trazem pra sala de aula; os que adaptam seus conteúdos de acordo com a realidade de seus aprendizes; são também os que têm tato em saber lidar com as diferenças existentes na sala de aula. Enfim, os que têm hábitos pedagógicos e didáticos, demonstram dedicação profissional, caráter e competência.

E um professor competente está sempre pronto para refletir a sua metodologia, sua postura e a replanejar, se necessário, tanto suas atividades do dia, quanto a sua prática educativa, para o fim de melhor estimular a aprendizagem e a motivação em seus alunos.

## **STUDENT-TEACHER RELATIONSHIP IN THE CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE**

### **ABSTRACT<sup>2</sup>**

This research deals with the teacher-student relationship, analyzing their different behavior and situations related to various problems existing in the school context. In this sense, contextualizing the reality of students and teachers in a class of third year of a public school in the city of Sinop - MT, bringing as theoretical approaches based on Wallon, Vygotsky, Mirian Goldenberg, Valéria Amorim Arantes, Nelson Piletti, Maximiliano Menegolla, Pedro Morales, Paulo Freire, Ana Rita Silva Almeida. We observed the relationship of these subjects with affection, methodologies, teaching practices, the expressiveness, the dedication of the professional, student behavior, evaluations and beliefs. As methodological choice we opted for qualitative research, the case study. To obtain the data were developed semi-structured interviews and observation in loco. During observation it was found that the harmonious relationship between the subjects (student-teacher) is fundamental to better learning.

**Keywords:** Education. Student-teacher relationship. Affectivity. Learning.

## **REFERÊNCIAS**

---

<sup>2</sup> Transcrição realizada pela aluna Rosinéli Cassini, do curso de Letras – UNEMAT / Sinop e revisado pela Professora Marli Cichelero, formada no curso de Letras e professora do Centro de Formação e Atualização de Professores / Sinop. (**CRLE-Revista Eventos Pedagógicos**).

ALMEIDA, Ana Rita Silva. A emoção e o professor: um estudo à luz da teoria de Henry Wallon. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, vol.13, n.2, p. 239-249, maio/ago. 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MENEGOLLA, Maximiliano. **E agora, professor?** 3. ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1989.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

OLIVEIRA, Marta Kohl de; REGO, Teresa Cristina. Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. ARANTES, Valéria Amorim (Org). **Afetividade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003.

PILETTI, Nelson. **Psicologia Educacional**. São Paulo: Ática, 2004.

PRADO, Maria. Articulações entre áreas de conhecimento e tecnologia: articulando saberes e transformando a prática. In: ALMEIDA, Maria; MORAN, José (Orgs.). **Integração das tecnologias na educação**. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.

## ENTREVISTAS

ALUNO J. **Aluno J**: depoimento. [6 dez. 2010]. Entrevistadora: Maiby Gisele Wagner. Sinop, MT, 2010. mp4 (6 min 15 seg). Entrevista concedida para a Monografia sobre A Relação Professor-aluno na Construção do Conhecimento.

ALUNO L. **Aluno L**: depoimento. [6 dez. 2010]. Entrevistadora: Maiby Gisele Wagner. Sinop, MT, 2010. mp4 (9 min 38 seg). Entrevista concedida para a Monografia sobre A Relação Professor-aluno na Construção do Conhecimento.

PROFESSORA C. **Professora C**: depoimento. [6 dez. 2010]. Entrevistadora: Maiby Gisele Wagner. Sinop, MT, 2010. mp4 (23 min 12 seg). Entrevista concedida para a Monografia sobre A Relação Professor-aluno na Construção do Conhecimento.